

Manobra regimental ensaiada

BRASÍLIA — O ensaio para a sessão de ontem do Conselho de Ética se arrastou até as quatro da manhã. Tudo para encontrar uma solução regimental que garantisse o voto aberto dos 16 integrantes do Conselho e não deixasse brechas para manobras protelatórias dos aliados de ACM. Dirigentes do PMDB e do PSDB acreditavam que, se a votação fosse secreta, o pedido de abertura de processo con-

tra ACM e José Roberto Arruda seria rejeitado pelo Conselho. Comandaram as conversas o líder do PSDB, senador Sérgio Machado (CE), o do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), o do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), e o presidente do Conselho de Ética, Ramez Tebet (PMDB-MS).

A preocupação era encontrar uma maneira de evitar que aliados de ACM ganhassem tempo reme-

tendo para a Comissão de Constituição e Justiça ou para o plenário a decisão final sobre o voto aberto. Geddel Vieira Lima sustentava que Tebet tinha prerrogativas para negar recurso em plenário. Mas era preciso se antecipar à contestação que seria feita pelos aliados de ACM para que a manobra desse certo.

E assim foi feito. Quase ninguém percebeu. Assim que a reunião foi instalada, o senador Gerson

Camata (PMDB-ES) apresentou questão de ordem. Perguntou a Tebet se a votação do relatório seria aberta. Tebet, econômico com as palavras, respondeu que sim, seria aberta. Quando, depois da leitura do relatório, o senador Waldeck Ornelas (PFL-BA) questionou o voto aberto, Tebet tinha a resposta na ponta da língua. "A questão de ordem já foi decidida no início da sessão, o assunto prescreveu".